

AS ELEIÇÕES PRESIDENCIAIS 2012 NOS ESTADOS UNIDOS: REFLEXÕES INICIAIS

2012 US presidential elections: First thoughts

Cristina Soreanu Pecequilo¹

No dia 06 de Novembro de 2012, a população dos Estados Unidos (EUA) irá às urnas escolher o próximo Presidente. À frente da Casa Branca, Barack Obama disputará sua reeleição. Mesmo na ausência de um desafiante, por conta das particularidades do sistema eleitoral norte-americano, Obama somente será formalmente confirmado pela Convenção Nacional do Partido Democrata de 3 a 6 de Setembro, mantendo-se o calendário das primárias. Nesta oportunidade, estas se convertem em fóruns de apresentação de demandas e de mobilização das bases.

Em andamento desde Janeiro de 2012, o ciclo das primárias republicanas ainda não conseguiu definir um candidato. O embate se encontra polarizado entre o ex-Governador de Massachussetts (2003/2007) Mitt Romney e o ex-Senador (1995/2007) e ex-Deputado (1991/1995) pela Pensilvânia Rick Santorum. Até a finalização deste artigo em 22 de Março, mantinham-se também na disputa o ex-Deputado pela Geórgia Newt Gingrich (1979/1999) e o Deputado pelo Texas (1997 em diante) e ex-Senador Ron Paul. O prolongamento do choque intrapartidário mantém a eleição em nível local, com debates direcionados ao público republicano e com foco em tópicos específicos e fragmentados, relativos à religião, o inglês como língua oficial e direitos sociais.

O último grande evento da campanha republicana ocorrerá em 27 a 30 de Agosto, na realização da Convenção Nacional. Para a Casa Branca, o prolongamento da indefinição é positiva à medida que permite manter Obama em vantagem tática, adiando os ataques diretos ao governo, cujos patamares de aprovação mantém-se entre 45-50%. A fatos positivos como a geração de empregos, contrapõem-se negativos como a

¹ Doutora em Ciência Política pela USP. Professora Adjunta de Relações Internacionais da UNIFESP (Universidade Federal de São Paulo) e Pesquisadora Associada NERINT/UFRGS e UnB.

elevação dos preços da gasolina, a permanência da violência na Síria e as relações instáveis com o Afeganistão e Irã. Frente este cenário, o objetivo é avaliar o encaminhamento das primárias republicanas, a posição democrata e apresentar reflexões sobre o pleito de Novembro.

AS PRIMÁRIAS REPUBLICANAS

Em anos de campanha presidencial, dois meses são considerados como “chave”: Março e Outubro. O primeiro, Março, corresponde à fase inicial do pleito, quando os partidos majoritários, republicano e democrata, encontram-se envolvidos no processo de primárias, culminando nas convenções nacionais entre Agosto e Setembro. Em anos nos quais existem candidatos em busca da reeleição, como é o caso de 2012, a disputa foca-se somente no partido adversário, concentrando os debates do primeiro semestre em um nível local e restrito a agendas particulares. Março tradicionalmente surgia como um divisor de águas nos embates internos, a partir da “Super Terça”, data na qual diversos estados optam por concentrar suas eleições primárias a fim de já delinear qual será o candidato à eleição de Novembro.

Outubro representa o enfrentamento nacional, com a intensificação da campanha e realização dos debates televisivos e o mês da “surpresa”: um acontecimento marcante em política interna e externa que pode mudar o quadro das pesquisas eleitorais, não deixando margem à recuperação. Além disso, é o momento no qual os candidatos concentram esforços nos “estados em disputa”, *battleground states* (ou *swing states*), uma vez que sua tendência eleitoral não é comprometida com um determinado partido, variando conforme o ciclo presidencial. Nos estados “azuis”, que historicamente votam no Partido Democrata e, nos “vermelhos”, aliados do Partido Republicano, cabe às bases manter a mobilização e levar o eleitor às urnas (ver Tabela 1).

Nos últimos anos, a situação polarizada da política norte-americana e a crise econômica, alterou esta dinâmica, principalmente no que se refere a Março. Antes decisiva, nas duas últimas eleições presidenciais (e mesmo com as primárias de George W. Bush em 2000), esta etapa consolidou-se como sinalizadora de divisões intrapartidárias e fragmentações na agenda político-social, prolongando o embate

interno. Em 2008, o Partido Democrata viveu esta situação com a disputa entre Hillary Clinton e Barack Obama. As indefinições prolongaram-se até Junho, com intensa troca de acusações entre os adversários, que somente foi resolvida por acordos internos, que levaram Hillary a abrir mão da candidatura, aliar-se a Obama fazendo campanha a seu lado, com o ex-Presidente Bill Clinton, levando-a ao cargo de Secretária de Estado. Opunha-se o carisma e a renovação representados por Obama à experiência e integridade política de Hillary, a despeito da ausência de experiência em cargos executivos de ambos. Enquanto isso, os republicanos já haviam escolhido a chapa com o Senador John McCain e a ex-Governadora do Alaska Sarah Palin, como representantes dos críticos independentes a Washington (os *outsiders*).

Em 2012, a situação encontra-se invertida: após a “Super Terça” de 06 de Março, o candidato que se mantém à frente na disputa com maior número de delegados conquistados nas primárias, Mitt Romney, não conseguiu consolidar seu nome como consenso dentro do Partido. Além de permanecerem quatro candidatos na disputa, o principal adversário de Romney converteu-se em Rick Santorum e não Newt Gingrich como inicialmente esperado, dada a carreira mais conhecida de Gingrich como líder do renascimento neoconservador. Ron Paul mantém-se na disputa como representante da corrente libertária, visando a divulgação de sua tradicional agenda anti-governo, pró-sociedade civil e isolacionista em política externa (Romney, Gingrich e Santorum seriam “internacionalistas”). Paul é nome conhecido no processo, tendo disputado em 1988 o cargo de Presidente pelo Partido Libertário e as primárias do Partido Republicano em 2008. A agenda libertária esteve presente nas eleições de meio de mandato em 2010, com a expansão do “Partido do Chá”, dentro do Partido Republicano e que o levou à vitória naquela oportunidade.

Atualmente, desta agenda do “Chá”, Paul representa as questões associadas ao “anti-governo”, enquanto Santorum apropriou-se fortemente das questões político-sociais de caráter moral e religioso, ocupando o lugar de Gingrich nesta temática. Santorum, principalmente, evita a discussão de temas como economia, política externa em suas grandes linhas, recorrendo a críticas fáceis e breves, focando em tópicos como casamento entre pessoas do mesmo sexo, direitos contraceptivos dentre outros.

Em contraposição, Romney se autodefine, e surge, como o republicano moderado, capaz de derrotar Obama por conseguir aproximar-se do eleitorado de centro e indeciso, não respondendo somente à direita neoconservadora religiosa do Partido. Além disso, Romney teria um “projeto de governo”, na economia, política e relações internacionais. Ou seja, seria o candidato republicano que poderia “ganhar” os “estados em disputa”, que, em 2008 (ver Tabela 1), foram majoritariamente conquistados por Obama (à exceção de Arizona, Missouri e Montana).

Assim como Paul, Romney já tentara a indicação em 2008, abrindo mão de sua candidatura em benefício de McCain, visando concentrar esforços para 2012. Dado o histórico da administração Bush filho e o aprofundamento da crise econômica, os republicanos consideravam a eleição quase perdida para os democratas. Mesmo assim, McCain-Palin conseguiram atingir um patamar significativo de votos, cerca de 47%. Estes votos não ultrapassaram os “estados vermelhos” à exceção dos citados. Romney busca diferenciar-se deste perfil, mostrando-se um candidato capaz de derrotar Obama em Novembro, conquistando “estados de batalha”. Pesquisas eleitorais que indicam Romney como o candidato republicano melhor posicionado na disputa contra Obama, com 44% dos votos contra 48% do atual Presidente, são apresentadas como prova de seu potencial eleitoral. Em comparação, seus oponentes nas primárias, Gingrich, Santorum e Paul, conquistariam 37,5%, 40% e 39% respectivamente (os números são médias das pesquisas nacionais divulgadas pela CNN e pelo site realclerapolitics.com).

A base para a argumentação de Romney é a sua quantidade de vitórias em “estados em disputa” nas primárias. Tal situação contribuiu largamente para sua vantagem em número de delegados: 560 contra 246 de Santorum, 141 de Gingrich e 66 de Paul (são necessários 1144 delegados para garantir a nomeação). Mesmo na desistência dos demais, Romney permaneceria na frente. A probabilidade dos votos de Gingrich se transferirem a Santorum é elevada, mas a dos eleitores de Paul fazerem a mesma trajetória é mais baixa, pois a agenda libertária estende-se a temas sociais, considerando nociva a interferência do governo na vida pessoal ou religiosa do indivíduo. A tabela sistematiza, até 22 de Março, as correntes distribuições de voto

“azul e vermelha” e os “estados em disputa” (destacando o vitorioso em 2008 e o candidato republicano vencedor nas primárias).

TABELA 1
A DISPUTA ELEITORAL - PRESIDÊNCIA 2012

Partido Republicano (América Vermelha, 159)	Partido Democrata (América “Azul”, 196)	Estados em Disputa <i>Battleground States</i> (183)	Vencedor Estados em Disputa 2008	Vencedor Primárias Republicanas 2012 (Atualizado até 22/03/2012)
Utah (6)	Washington (12)	Iowa (6)	Obama	Sem Vencedor Oficial Devido a Problemas na Apuração
Dakota do Sul (3)	New York (29)	Colorado (9)	Obama	Santorum
Wyoming (3)	Minnesota (10)	Arizona (11)	McCain	Romney
Alaska (3)	Califórnia (55)	Nevada (6)	Obama	Romney
Arkansas (6)	Connecticut (7)	Florida (29)	Obama	Romney
Mississippi (6)	Nova Jérsei (14)	Virginia (13)	Obama	Romney
Alabama (9)	Delaware (3)	New Hampshire (4)	Obama	Romney
Virginia Ocidental (5)	Havaí (4)	Michigan (16)	Obama	Romney
Georgia (16)	Maryland (10)	Ohio (18)	Obama	Romney
Oklahoma (7)	Vermont (3)	Missouri (10)	McCain	17/03/2012 (resultados serão anunciados em Junho)
Texas (38)	Massachussets (11)	Wisconsin (10)	Obama	03/04/2012
Tennessee (11)	Distrito de Columbia, DC (3)	Pensilvânia (20)	Obama	24/04/2012
Lousiana (8)	Rhode Island (4)	Carolina do	Obama	08/05/2012

		Norte (15)		
Kansas (6)	Maine (4)	Indiana (11)	Obama	08/05/2012
Dakota do Norte (3)	Illinois (20)	Novo México (5)	Obama	05/06/2012
Idaho (4)	Oregon (7)	Montana (3)	McCain	05/06/2012
Kentucky (8)				
Carolina do Sul				
Nebraska (5)				

Dados: *Election Center* 2012 CNN. Os votos eleitorais encontram-se entre parênteses. De 2008 a 2012 foram efetuadas redistribuições do total de votos dos estados, devido a alterações populacionais. A mesma ocorreu em todos os estados, democratas, republicanos e em disputa. Houve aumento de votos para Arizona, Carolina do Sul, Florida, Georgia, Nevada, Texas, Utah, Washington; e decréscimo para Illinois, Iowa, Louisiana, Massachusetts, Michigan, Missouri, New Jersey, New York, Ohio, Pensilvânia.

Total de Votos do Colégio Eleitoral: 538

Votos Necessários Para Eleição: 270

Diante deste cenário, o que explicaria a fragilidade de Romney dentro do partido, mesmo que seu nome, pelos números, surja como o mais viável em termos nacionais? Por que o candidato que parece ser o mais “elegível” para os EUA como um todo não consegue sê-lo dentro de seu partido? Não existe um erro tático da parte republicana em não definir rapidamente a candidatura Romney à Presidência?

PROJEÇÕES E QUESTÕES INICIAIS

As dificuldades de Romney são representadas por polarizações intrapartidárias similares as que afetaram os democratas em 2008, colocando em choque linhas tradicionais (os Clintons), com novas forças em emergência (Obama). Embora possam ser definidos como “tradicionais” por sua influência dada a administração de Bill Clinton (1993/2000) tanto Bill quanto Hillary não conseguiram consolidar-se hegemonicamente no partido, permitindo o surgimento da candidatura Obama e a perda de uma indicação presidencial que em 2007 parecia incontestável.

A situação se repete no Partido Republicano, com Romney não possuindo uma base sólida, demandando aproximação com nomes da administração Bush filho como Condolleeza Rice e a família Bush. Na semana de 20 de Março, após a significativa vitória de Romney em um dos “estados azuis”, Illinois, o ex-governador da Florida Jeb Bush, filho do ex-Presidente George H. Bush como W. Bush anunciou o apoio formal a sua candidatura. A relevância do apoio reside no fato da Florida ser um dos mais importantes “estados em disputa”, no qual a vitória de Obama em 2008 foi por pequena margem. Na Florida, possuem grande peso grupos de interesse conhecidos da política norte-americana, cubano e judaico, que tem apresentado diversas críticas à administração Obama, principalmente o judaico devido à forma como os democratas lidam com a questão de Israel e o suposto apaziguamento do Irã.

As correntes associadas ao Partido do Chá, que se encontram simbolizadas de forma diferenciada nas candidaturas Gingrich, Santorum e Paul, buscam abrir um espaço maior no Partido, confrontando estas linhas tradicionais das quais se aproxima Romney. Este movimento possui duas forças simultâneas: lideranças conhecidas como Gingrich e Paul entre os neoconservadores e os libertários e a corrente dos “novos políticos” como Santorum, Sarah Palin, Mike Huckabee, representantes desta geração mais jovem e mais polarizada à direita (lembrando que Palin e Huckabee desistiram de suas pré-candidaturas). As primárias refletem este processo de reacomodação.

Pode-se apontar alguns cenários para Romney e seus adversários: no extremo, Santorum consolida-se a ponto de surgir como um candidato que agregaria mais consenso interno do que Romney, mesmo com sua dificuldade em caminhar ao centro. Seria observado um movimento similar ao do Partido Democrata em 2008 quando Hillary desistiu das primárias em benefício de Obama. Santorum seria o candidato, com o apoio de Gingrich e do próprio Romney nesta projeção. Em outros cenários mais prováveis, Romney é forçado a aderir mais à agenda da direita, em particular temas religiosos e sociais, para garantir a confirmação. Isto prejudicaria suas chances na disputa nacional caso não conseguisse sinalizar o recuo ao eleitor dos “estados em disputa”. Em um terceiro caminho, Santorum, ou um político com perfil similar ao seu,

seria definido como Vice, repetindo a dinâmica da chapa McCain-Palin: dois “independentes”, mas um moderado (McCain) e um à direita (Palin).

Romney é o candidato que teria mais condições de enfrentar Obama devido ao perfil de sua candidatura e trajetória política com atenção à economia, à conciliação bipartidária e menos afeita a temas religiosos e sim a projetos nacionais. Dificilmente os republicanos deixariam de votar em Romney nos “estados vermelhos”, uma vez que ele seria o candidato “anti-Obama”. Poder-se-ia esperar uma mobilização menor das bases, com menos eleitores se dispondo a votar, mas é muito pouco provável que votos se transferissem a Obama. Por outro lado, caso um candidato como Santorum se consolide, isto poderia beneficiar os republicanos em estados “vermelhos”, levando mais pessoas às urnas. O efeito, contudo, não se estenderia necessariamente aos “estados em disputa”, nos quais a tendência é que a economia seja tema principal da campanha. A área internacional surgirá associada às crises mais latentes no segundo semestre, próximas à “surpresa de Outubro”. Seja qual for o foco, a campanha deve ser propositiva, evitando ataques pessoais, que favoreceriam o atual Presidente.

Para Obama, a reeleição é viável, mas não necessariamente garantida, principalmente diante de um candidato que apresente semelhanças com seu discurso de mudança de 2008, com base na eficiência republicana e no vazio das promessas não cumpridas. Afinal, em 2008, a economia, e a esperança associada ao renascimento dos EUA, foram a razão da conquista dos “estados em disputa”. Em 2012, independente do candidato republicano que enfrentará Obama precisará ajustar este discurso e voltar a mobilizar suas bases de campanha, mesmo com a quebra do encanto inicial com seu carisma. Sem esta mobilização “azul”, a motivação para a votação em Novembro diminui, o que afeta a percepção de vitória nos “estados em disputa”.

Grupos que votaram maciçamente em Obama em 2008 como jovens, hispânicos, precisam ser atraídos novamente, nem que seja com base na justificativa de que o que vier será pior. Neste campo, o desencanto é grande. Tal recuperação dependerá de fatos novos para se sustentar até a eleição, principalmente na criação de empregos, evitando problemas na política externa. Para ambos os partidos, precisará existir uma maior

consciência tática e estratégica visando a conquista do poder, com os candidatos a Senado e Câmara, apoiando as escolhas validadas pelas Convenções Nacionais.

Eventos como o das eleições de meio de mandato de 2010 quando democratas fizeram ferrenha oposição a Obama e, mesmo assim, perderam para o Partido do Chá, precisam ser evitados, independente de orientações ideológicas divergentes, compreendendo que o pleito para a Casa Branca se trata de uma disputa entre partidos e não intrapartidária. Até Março, as pesquisas para o Legislativo indicam empate técnico entre republicanos e democratas que pode estender-se à Presidência. Nesta hipótese, nada impede que uma eleição “apertada” repita 2000, com um candidato ganhando no voto popular (Al Gore) e outro no Colégio Eleitoral (George W. Bush). A disputa, assim, encontra-se apenas em sua fase inicial e, por enquanto, Obama ainda tem como principal adversário seu governo.

Artigo recebido dia 06 de fevereiro de 2012. Aprovado em 08 de março de 2012.

RESUMO

O objetivo deste artigo é apresentar um panorama inicial das eleições presidenciais de 2012 nos Estados Unidos, avaliando o processo de primárias do Partido Republicano, hipóteses sobre os possíveis cenários de definição do candidato republicano à Casa Branca e os desafios gerais da reeleição para o Presidente Obama.

PALAVRAS-CHAVE

Estados Unidos, Eleições Presidenciais, Política Doméstica

ABSTRACT

The goal of this article is to present an initial overview of 2012 US Presidential elections, discussing the Republican Party primary election process, suggesting hypothesis regarding the definition of the Republican candidate to the White House and the general challenges facing President Obama's reelection.

KEYWORDS

United States; Presidential Elections; Domestic Politics